

Relatório CORRECTA 2009

- **Perspectivas para o Mercado Segurador em 2009;**
- **Uma Fotografia do Setor de Seguros em 2008.**



O FANTÁSTICO CRESCIMENTO DO SETOR EM 2008 E NA ÚLTIMA DÉCADA.....	3
SEGUROS QUE MAIS CRESCERAM EM 2008	4
UMA FOTOGRAFIA DO SETOR EM 2008.....	6
EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO EM 2009 – ATRAVESSANDO A CRISE FINANCEIRA	7
RENTABILIDADE DO SETOR	9
CONCENTRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO SETOR.....	10
O MERCADO DE PLANOS E SEGUROS DE SAÚDE.....	12
O MERCADO DE CAPITALIZAÇÃO.....	13
O MERCADO DE PREVIDÊNCIA PRIVADA	13

O FANTÁSTICO CRESCIMENTO DO SETOR EM 2008 E NA ÚLTIMA DÉCADA

O mercado brasileiro de seguros cresceu 15% no volume acumulado de prêmios (faturamento) em 2008, em comparação com o ano de 2007. O crescimento, embora robusto e fantástico pelo sexto ano consecutivo, ficou abaixo da expectativa de 18% para o setor.

Certamente o freio trazido pela crise financeira impactou o resultado a partir do último trimestre, pois até setembro o crescimento era de 18,7% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Mas em outubro, o crescimento – que era de dois dígitos até então – caiu para 9% e, em novembro, foi negativo em 2% (se vendeu menos que em 2007).

O consecutivo crescimento de dois dígitos mostra a robustez do setor de seguros, que vem crescendo a taxas fantásticas: 2007/2006 de 17,9%; 2006/2005 de 16,5%; 2005/2004 de 13,4%; 2004/2003 de 22%; 2003/2002 de 28%. O mercado dobrou de tamanho na última década, em 1998 possuía R\$ 19,5 bilhões em faturamento (prêmios) alcançando R\$ 67,2 bilhões, em 2008, um crescimento de 246%. O crescimento do setor já alcança 2,3% do PIB, mesmo retirando-se os seguros e planos de saúde dessa contabilidade. A velocidade de crescimento do setor de seguros é 4 vezes maior que o crescimento da economia na última década.

Ano	Volume de Prêmio (Faturamento)	Crescimento Setor de Seguros	Crescimento do PIB	Inflação
2008/2007	R\$ 67.258.027.988,31	15%	5,1%	5,90%
2007/2006	R\$ 58.443.092.730,72	18%	5,70%	4,50%
2006/2005	R\$ 49.587.528.469,83	17%	4,00%	3,14%
2005/2004	R\$ 42.561.864.995,75	13%	3,20%	5,70%
2004/2003	R\$ 37.546.345.344,14	22%	5,70%	7,60%
2003/2002	R\$ 30.717.420.689,90	28%	1,10%	9,30%
2002/2001	R\$ 23.910.777.068,32	-1% **	2,70%	12,50%
2001/2000	R\$ 24.211.621.627,00	6%	1,30%	7,70%
2000/1999	R\$ 22.898.810.289,57	12%	4,30%	5,90%
1999/1998	R\$ 20.358.339.570,00	5%	0,80%	8,90%
1998	R\$ 19.465.826.389,00	-		
	Média anual	13,50%	3,18%	7,11%
	Crescimento (década)	246%		

** Houve uma separação da contabilização do seguro saúde, isto resultou na retirada de aproximadamente R\$ 5 bilhões do faturamento das seguradoras;

Ano	Volume de Prêmio (Faturamento)	PIB (preço de mercado)	Part. % *
2008	R\$ 67.258.027.988,31	R\$ 2.889.719.000.000,00	2,32%
2007	R\$ 58.443.092.730,72	R\$ 2.597.611.000.000,00	2,25%
2006	R\$ 49.587.528.469,83	R\$ 2.332.936.000.000,00	2,12%
2005	R\$ 42.561.864.995,75	R\$ 2.147.239.000.000,00	1,98%

* Esta participação do PIB considera apenas o setor de seguros de danos e pessoas. Incluindo-se PGBL, capitalização e saúde o setor alcança 5 % do PIB.

O patrimônio segurado foi estimado pela Fenaseg (Federação das seguradoras) para 2007 em R\$ 15,5 trilhões – equivalente a seis vezes o PIB brasileiro. Portanto, supondo que a estimativa esteja correta, as seguradoras cobram em média 0,33% do bem segurado. A importância das seguradoras ainda aumenta ao considerarmos as apólices de seguros de vida.

O mercado segurador, englobando seguros, previdência privada aberta e capitalização é um importante investidor institucional. Suas reservas técnicas que se constituem em poupança para investimentos de longo prazo, estão situadas na casa de R\$ 191 bilhões. E seguindo as normas legais são aplicadas integralmente dentro do País em ativos de características conservadoras. Isto corresponde a 9% do saldo financeiro existente na economia brasileira ao final de 2008. Além disso, o setor de seguros é responsável pela geração de mais de 200 mil empregos diretos, 1 milhão de empregos indiretos, conta com 40,8 milhões de beneficiários em planos de saúde, aproximadamente 4,9 milhões de clientes em seguros de veículos, aproximadamente 250 milhões de apólices de seguro de vida.

SEGUROS QUE MAIS CRESCERAM EM 2008

O seguro rural cresceu 147% em 2008, saindo de R\$ 130 milhões para R\$ 321 milhões. O crescimento do volume de subvenção federal e também a subvenção do Estado de São Paulo foram fundamentais para o mercado atingir esta marca. Isso fica claro quando notamos que a safra com subsídio ao seguro (pequenos agricultores) cresceu 207%, contra 91% de crescimento para o seguro rural sem cobertura do fundo. Contudo, apenas 7% da safra plantada possui seguro, fato que indica que ainda temos muito espaço para crescer, independentemente da expectativa de uma redução no volume a ser exportado para a safra 2009. É lógico que isto afeta as expectativas do produtor rural, e conseqüentemente sua aptidão para assumir maiores despesas. Porém, cabe ao mercado segurador o desafio de convencê-lo a evitar o risco catastrófico que assume atualmente.

No país com o maior rebanho de gado do planeta – desconsiderando-se a Índia que tem um tratamento diferenciado – o volume da pecuária brasileira com seguro ainda é muito baixo. Temos apenas R\$ 1,6 bilhão de prêmios em seguro pecuário, uma queda de 36% em relação aos R\$ 2,6 bilhões de 2007. Neste ramo o governo não oferece nenhum apoio à contratação de seguro, a exemplo do que se observa para as plantações agrícolas. Já o seguro da carteira de animais, que diferentemente do pecuário não cobre um rebanho mas sua matriz, cresceu 55% atingindo R\$ 5,8 bilhões em prêmios.

Outro seguro interessante para se acompanhar em 2009 é o seguro de crédito a exportação, este subdivide-se em duas carteiras distintas: riscos comerciais e riscos políticos. O risco comercial – que

garante reembolso dos calotes aos nossos exportadores - cresceu apenas 20% atingindo o faturamento de R\$ 36 milhões, já o risco político cresceu 335% com R\$ 1,3 milhão em prêmios. O seguro de crédito interno ou doméstico apresentou decréscimo para carteira de pessoas físicas em 27%, com R\$ 191 milhões de faturamento, devido a uma maior rejeição ao risco por parte das seguradoras, afinal este seguro apresentou sinistralidade de 78% em 2007 e 75% em 2008. Já o risco de crédito doméstico comercial teve uma elevação de 9%, ficando no montante de R\$ 274 milhões.

Há também os produtos novos – com menos de cinco anos de operação – que apresentaram crescimentos interessantes, tais como o seguro de garantia estendida para automóveis que cresceu 130%, com um volume de R\$ 16,9 milhões em prêmios. A reboque do crescimento observado na construção civil em todo o país, o seguro de garantia estendida patrimonial, que garante os imóveis adquiridos das construtoras, o mercado segurador encerrou 2008 com R\$ 1,4 bilhão em prêmios, apresentando um crescimento muito interessante de 22% em relação à 2007.

Outros seguros que apresentaram significativo crescimento foram: fiança locatícia com 64% (R\$ 156 milhões em prêmios); VGBL coletivo com 61%; Florestas com 106%; Garantia de concessões públicas com 55%; Riscos de petróleo com 46% (R\$ 204 milhões em prêmios) e Garantia de obrigações contratuais com 55% (R\$ 389 milhões em prêmios).

A carteira de VGBL coletivo – feito por empresas para seus funcionários - alcançou R\$ 1,4 bilhão de faturamento em 2008, representando 2% do mercado segurador. Já o VGBL individual faturou R\$ 21,9 milhões e representa 32% do mercado de seguros de ramos elementares, crescendo 13% em relação ao mesmo período de 2007.

O seguro de automóveis cresceu 12% em 2008, com R\$ 11,9 bilhões em prêmios, ainda repercutindo o aumento nas vendas de veículos observado desde 2007. Muitos veículos, ao serem vendidos, fazem apenas endosso (aditamento) no contrato de seguro, pelo tempo que resta da apólice naquele ano. Portanto, apenas no ano seguinte é que produzirá o efeito de um maior volume no preço do seguro. Já o seguro obrigatório DPVAT obteve 27% de crescimento, com R\$ 4,7 bilhões de volume de prêmios.

O seguro de Responsabilidade Civil Profissional, que protege profissionais liberais de processos judiciais em face de erros e omissões no exercício de suas profissões, possui R\$ 55,7 milhões em seguros vendidos, com um crescimento de 24% em relação à 2007.

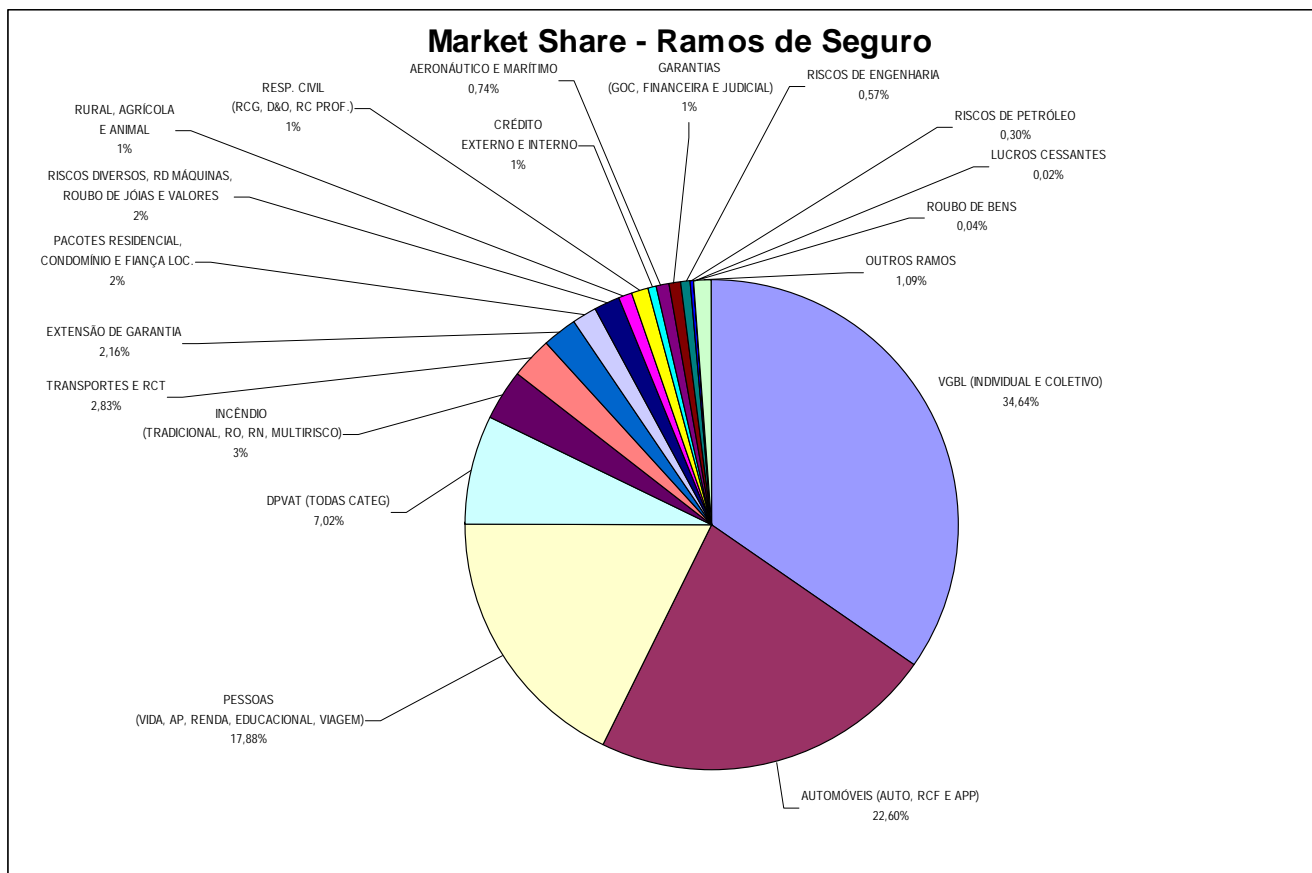
O volume de carga transportada em viagens internacionais, sobretudo por importações, cresceu bastante em relação à 2007. O volume transportado do exterior deve ser maior que o volume de carga movimentado em viagens nacionais. Ocorre porém, que o risco rodoviário é muito superior ao risco das viagens em navios e aviões dos transportes internacionais e, por este motivo, o volume de prêmios cobrado no transporte nacional é superior. O seguro de transportes de viagens nacionais totalizou R\$ 518 milhões, já o seguro de transporte internacional somou R\$ 499,5 milhões em prêmios em 2008. O crescimento foi respectivamente de 12% e 23% em comparação com 2007. Há ainda os seguros de responsabilidade civil associados à danos causados a terceiros, durante o transporte da carga, chamados de RCTF-C (ferroviário), RCTA-C (aéreo), RCD-C (roubo ou furto da carga), RCTVI (internacional), RCTR-C (rodoviário), os quais totalizaram R\$ 794 milhões em prêmios, com destaque para o RCTR-C (rodoviário) com R\$ 510 milhões e o RCD-C (roubo ou furto) com R\$ 231 milhões, ambos motivados pela característica de um transporte nacional equilibrado em rodovias.

As carteiras de seguros de pessoas (vida) obteve um aumento de produção na ordem de 13%, puxado pelos seguros coletivos fortemente dependentes do volume de emprego na economia, alcançando R\$ 12 bilhões em prêmios, o que representa 18% de todo o mercado segurador em 2008. Nem todas as carteiras de pessoas tiveram bons resultados, o seguro educacional caiu 11%, o de vida individual caiu 7% e o de renda de eventos aleatórios caiu 4%. Este último aglutina coberturas de diárias de indisponibilidade temporária, desemprego, indenizações por condição de saúde, etc. que são vendidos em conjunto com seguros de vida individuais ou coletivos. Já os seguros coletivos de vida e acidentes pessoais, apresentaram respectivamente crescimento de 14% e 27% e o seguro individual de acidentes pessoais cresceu 23%, outro seguro que cresceu em 5% foi o seguro viagem ou turístico. E a carteira de seguro prestamista – aquele que garante o pagamento ao credor pelo falecimento do devedor – aumentou em 11%, atingindo R\$ 2,3 bilhões em prêmios. A maior carteira desse grupo de seguros de pessoas é a de vida em grupo com R\$ 6,3 bilhões, e a de acidentes pessoais coletivos que alcança R\$ 1,9 bilhão.

UMA FOTOGRAFIA DO SETOR EM 2008.

RAMO DE SEGURO	Prêmio Direto	MARKET
VGBL (INDIVIDUAL E COLETIVO)	R\$ 23.300.525.259,20	34,6%
AUTOMÓVEIS (AUTO, RCF E APP)	R\$ 15.204.143.848,61	22,6%
PESSOAS (VIDA, AP, RENDA, EDUCACIONAL, VIAGEM)	R\$ 12.028.844.527,31	17,9%
DPVAT (TODAS CATEGORIAS)	R\$ 4.719.229.078,14	7,0%
INCÊNDIO (TRADICIONAL, RO, RN, MULTIRISCO)	R\$ 2.240.931.818,18	3,3%
TRANSPORTES E Resp. Civil de Transp.	R\$ 1.901.106.654,26	2,8%
EXTENSÃO DE GARANTIA	R\$ 1.454.473.366,25	2,2%
PACOTES RESIDENCIAL, CONDOMÍNIO E FIANÇA LOC.	R\$ 1.222.506.679,09	1,8%
RISCOS DIVERSOS (MÁQUINAS, ROUBO DE JÓIAS E VALORES)	R\$ 1.019.362.702,25	1,5%
RURAL, AGRÍCOLA E ANIMAL	R\$ 713.571.991,35	1,1%
RESP. CIVIL (RCG, RC PRODUTOS, D&O, RC PROFISSIONAL)	R\$ 598.150.255,30	0,9%
CRÉDITO EXTERNO E INTERNO	R\$ 503.265.366,89	0,7%
CASCOS AERONÁUTICOS E CASCOS MARÍTIMOS	R\$ 496.342.893,69	0,7%
GARANTIAS (GOC, FINANCEIRA E JUDICIAL)	R\$ 494.857.040,24	0,7%
RISCOS DE ENGENHARIA	R\$ 383.493.304,80	0,6%
RISCOS DE PETRÓLEO	R\$ 204.282.079,16	0,3%
ROUBO DE BENS	R\$ 30.234.484,18	0,0%
LUCROS CESSANTES	R\$ 14.634.067,23	0,0%
OUTROS RAMOS	R\$ 735.545.345,75	1,1%
TOTAL	R\$ 67.258.027.988,31	100%

Fonte: construção própria com dados da SUSEP



EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO EM 2009 – ATRAVESSANDO A CRISE FINANCEIRA

Segundo o IBGE, o Brasil conta com aproximadamente 5 milhões de empresas privadas que contratam cerca de 30 milhões de empregados no regime CLT, são os 44% de trabalhadores que possuem carteira assinada. Em 2008 tivemos 1,8 milhão de pessoas procurando emprego. Consultores afirmam que a crise financeira colocou 1 milhão de trabalhadores na zona de risco, portanto, estimam que dobrará o volume de desempregados em 2009. E a má notícia é que a maioria dos que poderão perder o emprego são metalúrgicos, ajudantes de chão de fábrica, agricultores e operários da construção civil. Esse é o lado perverso da crise, ela afeta mais quem ganha menos. E, para efeito desta nossa análise setorial, o grupo estimado de desempregados para 2009 - sendo de baixa renda - também consome menos seguros e não afeta diretamente o mercado consumidor de seguros, sobretudo no que diz respeito aos seguros patrimoniais.

No entanto, o desemprego trazido pela crise financeira do último trimestre de 2008 afetará diretamente a carteira de seguros de vida em grupo, com as estimativas do aumento em 1,5 milhão de pessoas desempregadas – aproximadamente 5% do mercado de trabalho com carteiras assinadas voltando ao patamar de emprego de 2007 – poderá fazer com que tenhamos uma queda de R\$ 410 milhões em prêmios nos seguros de vida e acidentes pessoais coletivos, aqueles contratados pelas empresas. Mesmo

assim ficaremos em um patamar de faturamento superior ao de 2007. Em compensação, o seguro de renda de eventos aleatórios que também pode garantir o desemprego em produtos específicos, e que apresentou queda de 3% em 2008, poderá encontrar um aumento significativo na demanda em 2009. Contudo, o volume de prêmios deste segmento é insignificante – R\$ 380 milhões num volume de R\$ 12 bilhões – dentro dos seguros de pessoas.

Todos os seguros ligados diretamente à atividade comercial deverão apresentar um crescimento tímido em 2009. São estes os ramos de transportes de cargas, garantia extendida, crédito, etc. Seguindo uma correlação entre o PIB e o volume de prêmios de seguros, podemos estimar que com um crescimento do PIB de 1,5% teremos neste cenário “realista” um crescimento de, no mínimo 6%, no setor de seguros. Já num cenário mais otimista teremos um crescimento em torno de 13%. Há ainda a hipótese com cenário de PIB negativo, em função das expectativas de depressão ao invés de recessão, neste aspecto não necessariamente haverá redução no volume de seguros, uma vez que o preço das apólices – apesar de garantir um volume de patrimônio ou risco menor – está subindo. Outra questão a ser lembrada no momento em que se escolhe o cenário para análise, é que o PIB do quarto trimestre de 2008 – portanto em crise - em relação ao mesmo período de 2007, apresentou crescimento de 1,3%. E os analistas, sendo conservadores, estimam um crescimento de 0,59% no PIB para 2009.

Como apoio governamental à Instituição de Seguros, podemos citar aquelas medidas de incentivo que vêm estimulando o crescimento do nosso setor como, por exemplo, a aprovação da subvenção ao seguro rural, a tabela regressiva do imposto de renda para previdência privada, e a redução do IOF sobre seguro de vida. Ainda nesse período, o Congresso Nacional também manteve a decisão de que o seguro de acidentes do trabalho pode ser atendido tanto pelo sistema público quanto pela iniciativa privada. Sendo necessário retomar este assunto com todas as partes interessadas na busca de um modelo centrado na prevenção, que venha diminuir o índice de acidentes de trabalho no país. Não acredito que tenhamos este enorme incentivo em 2009, mas é interessante saber desta possibilidade para os próximos anos.

Por outro lado, também há novidades que podem ajudar o setor ainda neste ano de 2009: um bom exemplo é o seguro de seqüestro que foi autorizado pela SUSEP em outubro de 2008, responsável por USD\$ 300 milhões de prêmios em todo o planeta. Além deste temos o seguro de garantia financeira e judicial que substitui a fiança bancária e ou bens em penhora judicial. A partir do Basileia II, Acordo que trata das melhores práticas de solvência e controles internos nas instituições financeiras (*International Convergence of Capital Measurement and Capital Standards*), os bancos foram “forçados” a colocar em reserva técnica parte de seu capital próprio, fato que aliado à atual crise de crédito tem dificultado a liberação e elevado os custos da fiança bancária. Além disso a receita federal passou a aceitar apólices de garantia em processos de execução fiscal. O que servirá como um poderoso estímulo para o seguro de garantia, o qual serve para liberar recursos para as empresas e desenvolver ferramentas de engenharia financeira.

Outra questão trata do investimento que é fundamental para a retomada do crescimento e para afastar a crise financeira estabelecida. Ocorre que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) está com 62% de atraso no cronograma das obras já iniciadas. Até outubro de 2008, quando foi divulgado o penúltimo balanço do PAC, das 2.198 obras monitoradas pelo governo, e que integram o PAC, apenas 193 haviam sido concluídas, ou seja, 9% do total que somam investimentos da ordem de R\$ 30,6 bilhões. Em fevereiro de 2009 o governo anunciou um novo balanço do PAC, com mais R\$ 142 bilhões em investimentos até 2010. Do projeto inicial, de R\$ 503 bilhões, os recursos passarão para R\$ 646 bilhões.

De acordo com o governo, a verba virá do Orçamento Geral da União, de empresas estatais – sobretudo a Petrobrás – do BNDES e do setor privado. O governo elevou também o volume de recursos do PAC para serem executados até 2011, que passam a ficar em torno de 1,1 trilhão. Mas a história recente mostra a incapacidade e lentidão do governo para executar seu planejamento. Ou seja, o PAC não será o fomentador do crescimento da economia e tampouco servirá para manter o emprego e a renda, com o objetivo de afastar a crise.

Portanto, o crescimento e a superação da crise passa pela iniciativa privada. E para tanto, um bom estímulo seria a redução de impostos – até os municipais (como o ISS sobre seguros) – não necessariamente para atrair maiores investimentos ou fazer uma guerra fiscal entre cidades e estados, mas para, pelo menos, manter o nível de emprego – e o mercado de seguros é intensivo em mão de obra - compensando a atual retração da economia. O governo tem feito com sucesso reduções de impostos para incrementar a venda de veículos, bem como impedir um colapso do sistema financeiro ao adquirir carteiras de bancos menores com dificuldades e, com isso, manteve a liquidez no mercado interbancário. Porque estas são as medidas corretas? Por que o setor privado é mais eficiente e ágil para investir. Ações de incentivos pontuais com redução de tributos, sobretudo em setores intensivos em mão de obra, são fundamentais para atacar a crise, sempre aliados com a facilitação e expansão do crédito através dos bancos públicos e do BNDES.

Concluindo, a maioria dos economistas – entre os quais me incluo – prevê um cenário “realista”, inclusive o Boletim Focus e o FMI, já considerando o atraso no PAC, estimam o crescimento do PIB brasileiro entre 1,5% e 3% para 2009. Somente o cenário pessimista de Nouriel Roubini, conhecido pelo *The New York Times* como Dr. Doom (Dr. Catástrofe), o qual alega que o sistema financeiro internacional está insolvente, e que a crise das hipotecas ainda não atingiram os financiamentos de veículos, cartões de crédito, crédito estudantil, etc. teríamos nos países do BRIC, e em todo o mundo, uma depressão econômica. Prefiro acreditar no primeiro caso, o cenário é ruim mas tem saída.

RENTABILIDADE DO SETOR

O setor de seguros mostra uma evolução importante a partir de 2004: aprendeu a dar lucro em sua atividade fim, que é o de subscrever riscos seguráveis, em detrimento do observado até então de reverter uma má subscrição de riscos através de aplicações financeiras. Uma menor sinistralidade aliada a maior eficiência nas despesas administrativas foram fundamentais para melhorar o resultado operacional, indicado pelo índice combinado (combined ratio) das seguradoras. O índice combinado – somatório de sinistralidade, despesas administrativas e comerciais – abaixo de 100% demonstra lucro na operação. Em média, nos últimos 10 anos, a rentabilidade (lucro líquido) das seguradoras foi de 20% dos prêmios ganhos. Sendo que nos últimos 4 anos chegou perto dos 30% de lucratividade, uma rentabilidade fantástica da indústria do seguro, comparando-se a qualquer outro setor da economia. Não obstante, não pode-se tirar o relevo das receitas com aplicações financeiras, que são muito importantes pois triplicam o resultado operacional das seguradoras.

Ano	Despesa Comercial	Sinistralidade	DA	Combined	Lucro Líquido	Prêmio Ganho	Lucro Líquido
2008	23%	53%	19,1%	95,2%	25%	R\$ 33.879.355.024,66	R\$ 8.514.633.309,29
2007	22%	54%	17,8%	94,2%	29%	R\$ 31.275.329.290,03	R\$ 9.144.393.254,47
2006	22%	56%	18,4%	96,2%	31%	R\$ 28.045.961.820,51	R\$ 8.655.358.359,47
2005	20%	59%	19,3%	98,7%	30%	R\$ 24.510.357.541,74	R\$ 7.250.359.969,77
2004	20%	60%	20,5%	100,3%	20%	R\$ 21.352.152.494,33	R\$ 4.345.299.981,97
2003	19%	62%	20,0%	100,8%	17%	R\$ 19.788.979.985,16	R\$ 3.413.709.909,80
2002	20%	62%	20,6%	102,4%	14%	R\$ 17.089.543.923,86	R\$ 2.433.397.324,37
2001	16%	66%	18,4%	100,8%	12%	R\$ 19.019.946.365,78	R\$ 2.187.958.748,58
2000	17%	67%	17,3%	100,8%	10%	R\$ 19.742.488.099,42	R\$ 1.885.520.501,83
1999	18%	69%	21,0%	107,6%	10%	R\$ 17.644.605.032,00	R\$ 1.696.346.428,00
1998	17%	67%	ni	ni	ni	ni	ni

Um dos países mais eficientes na operação de vender seguros é a França, onde o gasto administrativo em relação ao prêmio ganho fica em 8,3%. O Brasil, com aproximadamente 20%, segue a ineficiência observada na América Latina, muito comprometida com a elevada carga tributária. No Brasil, essas despesas giram em torno de R\$ 7 bilhões anuais.

CONCENTRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO SETOR

A concentração observada no setor de seguros foi altamente influenciada pelo mesmo fenômeno ocorrido na área bancária a partir da década de 70, sendo este função das altas taxas inflacionárias e de ganhos de escala, além de medidas de estímulo governamental com o intuito de aumento da segurança do sistema financeiro. Como estímulo governamental na década de 70, temos o exemplo do Decreto-Lei 1.150/70 que incentivava a fusão e a incorporação de seguradoras aos grandes grupos bancários.

Uma nova onda de concentração se observa nos últimos anos, graças a outro estímulo governamental que reside em duas recentes Resoluções do Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP), que começaram a valer a partir de 1 de janeiro de 2008. A primeira, de número 158 de 2006, exige o aumento de capital da companhia com base em cálculos atuariais, conforme os riscos assumidos e suas provisões. Já a resolução 178, de dezembro de 2007, alterou a regra da exigência de capital mínimo requerido para autorização e funcionamento das empresas de seguro, previdência privada e capitalização. O prazo para adequação às normas terminará em 2011, e vem provocando a fusão e aquisição das seguradoras pequenas e médias.

Ano	Grupo Comprador	Aquisição / Fusão
1996	Sul América	Arbi
1996	Sul América	Santa Cruz
1996	Sul América	Itatiaia
jun/97	Itaú	Banerj
set/98	Itaú	Bemge
2002	Sul América	Fusão com ING
2002	Itaú	Paraná Cia. De Seguros
2003	Itaú	AGF Vida e Previdência
fev/03	Sul América	HSBC (carteira de saúde)
2004	Porto Seguro	AXA (virou Azul em 2005)
2005	Bradesco	Finasa
2005	Icatu Hartford	Canadá Life
2005	Generali	Sudameris (property)
2005	Real (ABN ANRO)	Sudameris (vida e previdência)
nov/05	Metlife	Soma e Citi-insurance
mar/06	HDI Hannover	HSBC (carteira de property)
jun/06	Tóquio Marine	Real Seguros (ABN ANRO)
out/06	Unibanco	Phenix
mar/07	Mapfre	Roma
jul/07	Mapfre	Nossa Caixa (seguros)
dez/07	Mapfre	Nationwide (Vida Seguros)
dez/07	Allianz	AGF
jan/08	Bradesco Saúde	Medservice
2008	Joint Venture Luizaseg	Cardif BNP Paribas e Magazine Luiza
2008	Cia. Espanhola Crédito (Cesce)	% da Áurea (ex-Bradesco)
abr/08	Banco Fator	Cigna
mai/08	Liberty	Indiana
Outubro / 2008	Itaú	Fusão com Unibanco (ações da AIG)
2º semestre / 2008	Zurich	Minas Brasil

O processo de concentração acelerado se deve, primeiro pelos resultados de cada seguradora e, depois, pela aquisição de companhias de seguros por grupos nacionais e estrangeiros. Analisando o mercado de 2004 à 2008, percebe-se que 69 companhias de seguros (aglutinadas por grupo econômico) operavam em 2004, e somente 64 grupos seguradores encerraram 2008. Em 2004, as dez maiores seguradoras detinham 76,5% do mercado; enquanto que no fechamento de 2008 as dez maiores possuíam 80,3% de participação do mercado.

Rank	Companhia por grupo econômico	Prêmio Direto	Market Share
1	BRDESCO SEGUROS (AUTO RE, VIDA E PREVIDÊNCIA, SEGUROS) S/A	13.559.171.503,66	20,0%
2	GRUPO ITAÚ UNIBANCO (IH, GRALHA AZUL, XL, PARANÁ, ITAÚ) S/A	13.035.851.655,45	19,2%
3	GRUPO BRASIL SEGURIDADE (BRASILPREV, VEÍCULOS, ALIANÇA) S/A	5.011.538.591,85	7,4%
4	SEGURADORA LÍDER DOS CONSÓRCIOS DO SEGURO DPVAT S.A.	4.645.568.433,94	6,9%
5	GRUPO PORTO SEGURO (PORTO, AXA - AZUL) S/A	3.928.336.490,02	5,8%
6	CAIXA SEGUROS (VIDA E PREV., PROPERTY) S/A	3.458.038.830,08	5,1%
7	GRUPO MAPFRE (NOSSA CAIXA, VERA CRUZ, MARES, NATIONWIDE VIDA) S/A	3.350.008.000,41	4,9%
8	GRUPO TOKIO MARINE (REAL, SUDAMERIS VIDA, TOKIO BRASIL, TOKIO SEGUR) S/A	2.869.878.747,77	4,2%
9	GRUPO SUL AMÉRICA (CIA NACIONAL, CIA SEGS GERAIS, VIDA E PREV.) S/A	2.507.620.858,31	3,7%
10	SANTANDER SEGUROS S/A (INCLUI SANTANDER BRASIL) S/A	2.070.650.290,76	3,1%
11	GRUPO HDI (HANNOVER, HSBC PROPERTY, AUTOMÓVEIS E BENS) S/A	1.640.856.604,33	2,4%

O MERCADO DE PLANOS E SEGUROS DE SAÚDE

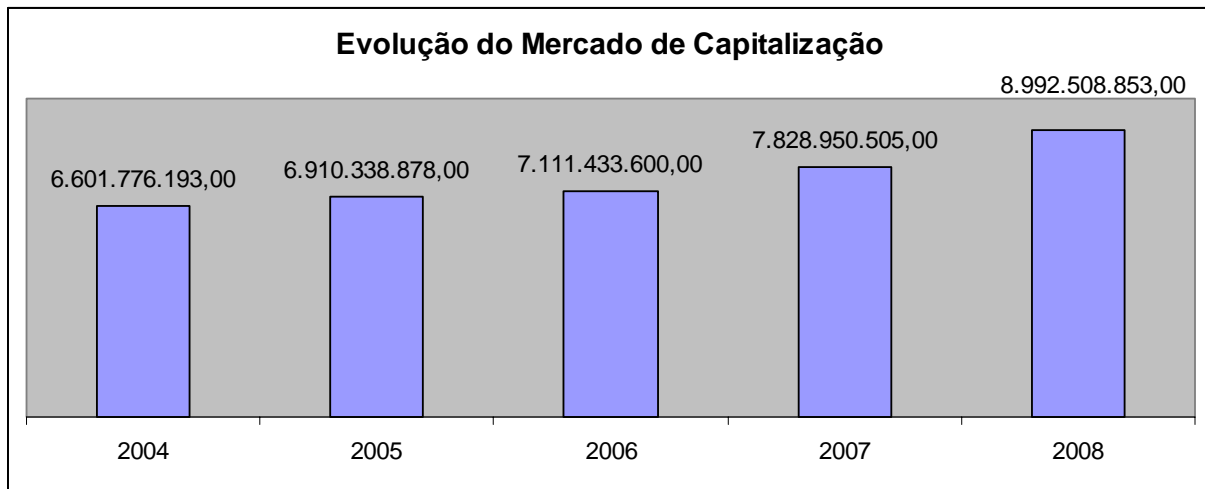
O mercado de planos de saúde, que envolve seguradoras, cooperativas e assistências médicas, conta – segundo dados da ANS de setembro de 2008 – com 40,8 milhões de beneficiários. Destes temos 73,5% em planos coletivos. Do total ainda temos 11,1 milhões - 27% - de beneficiários em planos antigos que não estão protegidos pela Lei 9.656/98. O mercado também é concentrado, 23 operadoras possuem 41% de *market-share*. Das 1.785 operadoras, apenas 95 possuem mais de 100 mil clientes. O total de faturamento, em 2007, foi de R\$ 51,6 bilhões – um crescimento de 22,6% em relação à 2006 – no entanto, a lucratividade foi muito baixa com R\$ 50,9 bilhões em sinistros pagos. A portabilidade deverá movimentar o setor a partir de 2009, muito provavelmente elevando a concentração do mercado. Neste segmento temos a penetração de 1,92% do PIB brasileiro.

Atualmente é incontestável a elevação dos custos médicos, constituindo-se em motivo de preocupação crescente para as fontes pagadoras em todo o mundo. Numa era em que os orçamentos de saúde da maioria dos países em todo o mundo enfrentam significativa restrição, análises de custo-benefício e de custo-efetividade de várias intervenções médicas se tornam essenciais não somente para os médicos, mas igualmente relevantes para os sistemas de saúde públicos e privados. Porque a despesa com medicina cresce assustadoramente? Basicamente este fenômeno tem duas origens: a evolução tecnológica com novas técnicas e conseqüente eficiência em alcançar a cura; bem como o aumento na expectativa de vida da população. Pesquisando os dados na ANS, verifica-se que em média o custo de uma consulta médica era de R\$ 23,36 em 2002, passando para R\$ 33,03 em 2007 (41% de aumento). Uma internação que custava R\$ 1115,76 em 2002 passou para R\$ 2.075,14 em 2007 (86% de aumento). Ou seja, a perspectiva para os próximos anos é de contínua elevação dos preços e repasse ao consumidor, o efeito macroeconômico será a redução da base de clientes com manutenção do faturamento, porém sem elevação da rentabilidade. Este paradoxo somente será quebrado com o incremento de novos métodos gerenciais e controle de custos. Não se trata aqui de uma crítica ao modelo privado ou público de saúde, pois este fenômeno de elevação de custos é universal e atinge países como Canadá e Inglaterra onde a saúde é pública.

Outro aspecto é que a saúde suplementar no Brasil continuará sendo muito atrativa pelo baixo investimento do setor público. Segundo dados de 2007, o governo aloca para a saúde pública no Brasil US\$ 157 por habitante/ano que, somados aos gastos privados, chegam a US\$ 290 por habitante/ano (H/A), ou seja, 7,6% do PIB. Isso contrasta fortemente com os gastos de saúde pública de outros países. Os Estados Unidos despendem US\$ 2.725 H/A (somente com o Medicare), no total a quantia chega a US\$ 6.096 por H/A, ou seja, 16 % do PIB disponível. O Canadá destina US\$ 2.823, 9,9% do PIB; a Alemanha US\$ 3.521; e Portugal US\$ 1.850. O valor alocado pelo governo brasileiro está mesmo abaixo de outros países como a Argentina US\$ 380, com 8,9% do PIB, o Chile US\$ 720 e a Costa Rica US\$ 378.

O MERCADO DE CAPITALIZAÇÃO

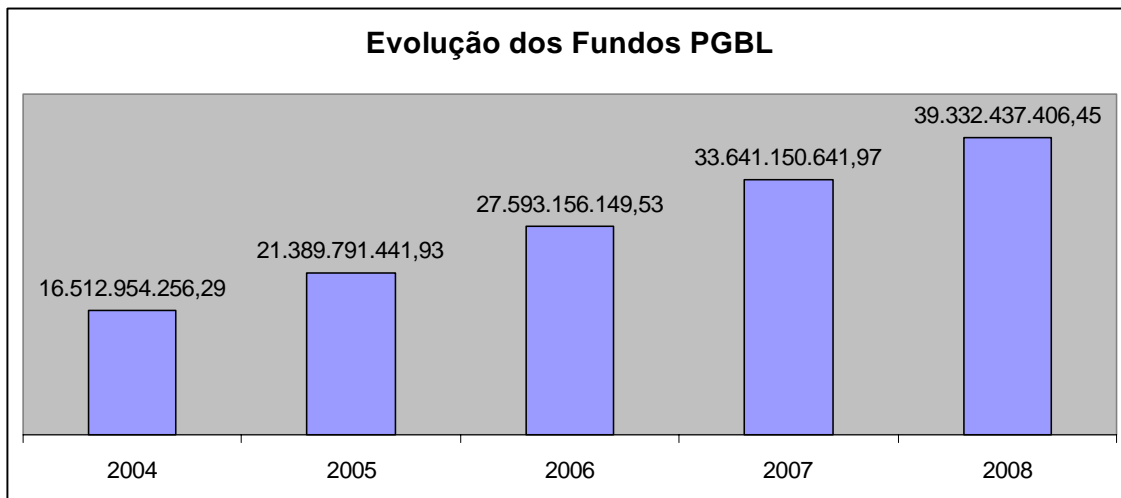
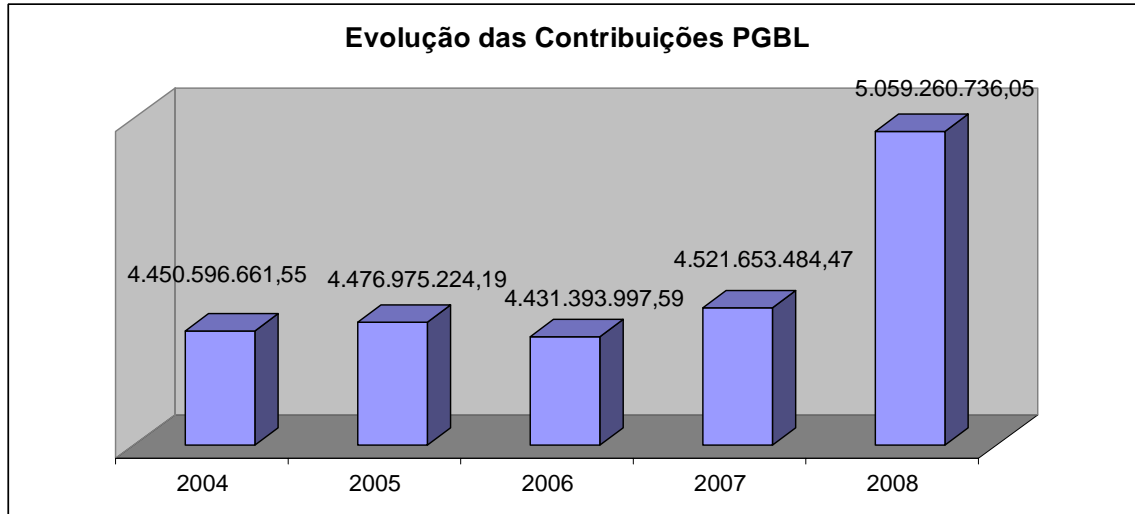
Em 2008 esse produto alcançou R\$ 8,99 bilhões de faturamento anual, um crescimento de 36% em 4 anos, acima dos 25% de crescimento do PIB neste período. Isso se dá pelo maior uso desta ferramenta para auxiliar o comércio em seus sorteios e premiações. O empresário que deseja sortear um prêmio entre seus clientes e distribuidores enfrentava muita burocracia com o registro e legalização do mesmo, ao passo que as soluções de afinidade (*affinity*) simplificam e reduzem os custos do processo.



O MERCADO DE PREVIDÊNCIA PRIVADA

Existem 2 produtos formadores de poupança de longo prazo: VGBL e PGBL. A diferença entre eles está apenas no tratamento tributário, o investimento (de até 12% da renda) em PGBL pode ser deduzido no imposto de renda, enquanto o VGBL não. Porque alguém investe em VGBL? Em primeiro lugar por que não se preocupa com o benefício do abatimento no imposto de renda, e depois que o resgate (ao final do período de poupança) no VGBL só paga IR sobre o ganho de capital. Já o PGBL paga IR sobre todo o saldo de resgate (principal e ganho de capital). Atualmente, para cada R\$ 1,00 poupado em produtos de previdência, R\$ 0,75 são em apólices de VGBL e R\$ 0,25 são em apólices de PGBL. Talvez isso indique o tamanho de nossa economia informal.

Previdência é um mercado altamente concentrado e dependente da venda bancária. O líder é o Bradesco que domina 26,5% do PGBL e 38,9% no VGBL. Os 5 primeiros colocados no ranking de previdência são todos bancos, e dominam 80% do PGBL, enquanto 4 bancos dominam 84% do VGBL. Estes fundos, com aproximadamente R\$ 100 bilhões, crescem mais de 10% a cada ano, e poderiam ser usados como fomentadores da economia – através de financiamento em infra-estrutura no PAC - em época de crise mundial de crédito.



TAMANHO DOS FUNDOS PGBL - DEZEMBRO DE 2008	Valor	Market Share
BRADESCO VIDA E PREVIDÊNCIA S.A.	10.421.881.377,38	26,5%
BRASILPREV SEGUROS E PREVIDÊNCIA S/A	7.467.671.847,30	19,0%
GRUPO ITAÚ UNIBANCO VIDA E PREVIDÊNCIA S/A	9.297.131.944,66	23,6%
HSBC VIDA E PREVIDÊNCIA (BRASIL) S/A	2.341.523.136,72	6,0%
REAL TOKIO MARINE VIDA E PREVIDÊNCIA S.A	1.932.640.877,82	4,9%
CAIXA VIDA E PREVIDÊNCIA S.A.	1.817.237.109,31	4,6%
ICATU HARTFORD SEGUROS S/A	1.657.660.240,83	4,2%
SANTANDER SEGUROS S/A	1.569.792.017,88	4,0%
SUL AMÉRICA SEGUROS DE VIDA E PREVIDÊNCIA S.A.	849.768.321,11	2,2%
GRUPO MAPFRE (INCLUI NOSSA CAIXA)	558.738.846,91	1,4%
SAFRA VIDA E PREVIDÊNCIA S/A	344.697.880,32	0,9%
PORTO SEGURO VIDA E PREVIDÊNCIA S/A.	320.674.132,63	0,8%
METROPOLITAN LIFE SEGUROS E PREVIDÊNCIA	282.019.617,09	0,7%
UNIMED SEGURADORA S/A	249.062.991,83	0,6%
ALFA PREVIDÊNCIA E VIDA S.A.	143.936.069,65	0,4%
MINAS BRASIL SEGURADORA VIDA E PREVIDÊNCIA S/A	47.132.293,66	0,1%
INVESTPREV SEGUROS E PREVIDÊNCIA S/A (BANCO RURAL)	23.668.062,59	0,1%
LUTERPREV- ENTIDADE LUTERANA DE PREVIDÊNCIA	5.318.263,34	0,0%
GBOEX - GREMIO BENEFICENTE	1.197.197,42	0,0%
MONGERAL S/A SEGUROS E PREVIDÊNCIA	685.178,00	0,0%
TOTAL	39.332.437.406,45	100,0%

O seguro VGBL iniciou em março de 2002 com contribuições mensais médias de R\$ 254 milhões, e no último ano passou para a média de R\$ 1,96 bilhões de faturamento mensal. Os fundos VGBL investem R\$ 70,9 bilhões no mercado financeiro. Surpreendentemente este produto não conta com apoio do governo através de descontos no imposto de renda. Essa poupança de longo prazo foca nos clientes do mercado informal, que não pagam imposto de renda, ou no investimento excedente dos segurados que já consumiram 12% de sua renda no PGBL. E por incrível quanto pareça a arrecadação do VGBL é quase o dobro do que fatura o PGBL.

TAMANHO DOS FUNDOS VGBL - DEZEMBRO DE 2008	Valor	Market Share
BRADESCO VIDA E PREVIDÊNCIA S.A.	27.627.847.190,84	38,9%
GRUPO ITAÚ UNIBANCO VIDA E PREVIDÊNCIA S/A	20.703.193.351,69	29,2%
BRASILPREV SEGUROS E PREVIDÊNCIA S/A	6.043.245.083,15	8,5%
CAIXA VIDA E PREVIDÊNCIA S.A.	5.280.819.918,84	7,4%
SANTANDER SEGUROS S/A	3.498.465.254,24	4,9%
REAL TOKIO MARINE VIDA E PREVIDÊNCIA S.A	3.237.141.773,18	4,6%
HSBC VIDA E PREVIDÊNCIA (BRASIL) S/A	2.151.524.303,82	3,0%
SAFRA VIDA E PREVIDÊNCIA S/A	648.985.358,66	0,9%
ICATU HARTFORD SEGUROS S/A	504.615.989,08	0,7%
GRUPO MAPFRE (INCLUI NOSSA CAIXA)	319.180.697,31	0,4%
METROPOLITAN LIFE SEGUROS E PREVIDÊNCIA	249.011.669,00	0,4%
SUL AMÉRICA SEGUROS DE VIDA E PREVIDÊNCIA S.A.	239.598.251,40	0,3%
MAPFRE NOSSA CAIXA VIDA E PREVIDÊNCIA S/A	210.754.743,90	0,3%
PORTO SEGURO VIDA E PREVIDÊNCIA S/A.	194.205.621,42	0,3%
MINAS BRASIL SEGURADORA VIDA E PREVIDÊNCIA S/A	179.041.777,38	0,3%
MAPFRE VERA CRUZ VIDA E PREVIDÊNCIA S.A	108.425.953,41	0,2%
ALFA PREVIDÊNCIA E VIDA S.A.	41.991.731,63	0,1%
INVESTPREV SEGUROS E PREVIDÊNCIA S/A	8.089.525,73	0,0%
UNIMED SEGURADORA S/A	4.262.015,44	0,0%
MONGERAL S/A SEGUROS E PREVIDÊNCIA	598.861,14	0,0%
TOTAL	70.931.818.373,95	100,0%

Esta pesquisa tem publicação anual e está na terceira edição.

A autoria é do Prof. Gustavo Tavares da Cunha Mello, economista, sócio há 18 anos da Correcta Consultoria de Seguros e Gerenciamento de Riscos, Professor titular da Funenseg – Fundação Escola Nacional de Seguros. Através desta também leciona na FGV, na UFF e ministra palestras e treinamentos em todo o país para funcionários do IRB, corretores de seguros e funcionários das seguradoras brasileiras. Também é Vide-presidente do IBEF – Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças. Antes de assumir a CORRECTA consultoria trabalhou na consultoria KPMG e na seguradora American Bankers, na Flórida. Fez MBA em Gerenciamento de Riscos na COPPE-UFRJ e Mestrado em Engenharia de Produção (S&SO) na UFF-LATEC. Tem diversos trabalhos publicados sobre gerenciamento de riscos de transportes, em especial aéreos, e acidentes industriais ampliados.